

## Superbabás na TV e auto-ajuda



Assisti a alguns pequenos trechos do novo programa do canal de TV a cabo GNT em que uma babá bota ordem na casa de pais que não conseguem dar conta do recado. De maneira similar a outros programas do tipo, uma pessoa com experiência prática ou conhecimento teórico a respeito do convívio educativo com crianças visita a casa de uma família com problemas com os filhos. E o que acontece algumas semanas depois? Os problemas ficam resolvidos ou, no mínimo, sob controle. Parece mágica! Conheço muitos pais que adorariam receber uma visita dessas.

Acontece que é possível fazer outras leituras desse tipo de programa e vamos, para isso, buscar o que eles têm em comum com dois outros produtos bem diversos entre si: os livros de auto-ajuda para pais e um outro programa de TV chamado "Esqueceram-se de Nós" - reprisado neste mês pelo mesmo canal. Nesse documentário, três grupos (um formado só por garotas, outro só com meninos e o último composto por adolescentes dos dois sexos) vivem a experiência de passar cinco dias em uma casa livre da presença de adultos. O programa apresenta os principais momentos do período em que o grupo convive ou melhor, vive na mesma casa e termina sempre do mesmo modo: com a casa quase em ruínas, à semelhança de muitos dos participantes.

Pois bem: é assustador reconhecer, mas as cenas desse programa em que aparecem crianças sozinhas totalmente descontroladas são muito parecidas com as cenas mostradas pelo novo programa em que crianças batem nos pais, fazem pouco de suas ordens, se descontrolam quando não são atendidas no que querem e tudo mais. Tal identificação nos permite levantar duas possíveis conclusões: os pais estão em casa, mas não estão disponíveis como pais, ou seja, não assumem a tarefa educativa, ou estão com os filhos como eles, ou seja, absolutamente infantilizados, o que resulta em uma casa como a do programa reprisado, em que não há adultos por perto.

Quem assume a tarefa de representar o adulto perante as crianças é a babá em um programa, a psicóloga em outro e, no caso dos livros de auto-ajuda, o escritor. E o que podem ter em comum profissionais tão diferentes entre si? Simples: o fato de tratarem os pais como se eles fossem crianças que precisam de um adulto que lhes diga o que, quando e como fazer. E por que há público grande para esse tipo de "serviço" que aparece em programas de TV e em livros? Temos, no mínimo, três pistas.

Em primeiro lugar, ter filhos numa época em que se é constantemente solicitado a ser sempre jovem é um tanto quanto difícil, porque educar filhos significa assumir a responsabilidade pela formação de um ser que demanda sempre cuidado, assistência, atenção, e escuta. Para tudo isso, é preciso ter muita disponibilidade, e quem vive como jovem está muito ocupado consigo mesmo e, por isso, não consegue se ofertar ao outro.

Em segundo lugar, educar filhos num mundo que produz tanto conhecimento parece que se tornou tarefa para profissionais. Afinal, é preciso estar atento ao desenvolvimento, à estimulação precoce, de preferência às possibilidades de que ocorram pequenos traumas e coisas do tipo. Os pais recuaram também por se sentirem incompetentes para tarefa de tamanha grandeza. O que mais representa isso é a frase repetida em todos os cantos por todos os tipos de pai: "Não sei o que fazer". Ora, como um adulto se coloca nessa situação de impotência perante uma criança ou um adolescente? Claro que o adulto sabe o que pode fazer. Só não sabe se dará certo, o que já é uma outra história. Por isso, é bom saber que sempre pode dar errado.

Em terceiro lugar, educar no mundo atual significa escolher o caminho a seguir várias vezes ao dia, e escolher resulta em assumir a responsabilidade pela decisão tomada. E isso tem sido particularmente difícil para quem educa filhos num mundo que infantiliza tanto os adultos. Com programas e livros desse tipo, por exemplo.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - [roselysayao@folhasp.com.br](mailto:roselysayao@folhasp.com.br)

